

INCLUSÃO DO CAFÉ DESPOLDADO NO REGIME DE DEFESA DO IBC

O dr. Plínio Cavalcanti de Albuquerque, na qualidade de presidente da Comissão de Comercialização da Junta Administrativa do Instituto Brasileiro do Café, propôs, naquele colegiado, a extensão aos cafés despoldados da política de preços mínimos, tendo o plêndrio, por unanimidade e em caráter de urgência, aprovado a proposição do representante da lavoura paulista.

Em reunião semanal da Sociedade Rural Brasileira, o dr. Plínio Cavalcanti, diretor do Departamento do Café da entidade, justificou aquela medida, demonstrando que devemos formar a consciência da produção de bons cafés e provando a utilidade da política de compra para criação de estimulos para o aprimoramento do produto. Condenou, na ocasião, a política de compra indiscriminada, sem classificação, que tem sido a verdadeira causa do desinteresse do produtor pelos cafés de boa qualidade.

Na íntegra, eis o discurso do dr. Plínio Cavalcanti, pronunciado na 11.ª Reunião Ordinária da Junta Administrativa do IBC, 3.ª Sessão, realizada a 19 de outubro transato:

"Senhor Presidente: Não resta menor dúvida sobre a conveniência da criação de estimulos para produção de café de boa qualidade. A experiência do comércio internacional do nosso principal produto de exportação adverte-nos de uma coisa: a produção brasileira de café é residual no principal mercado consumidor do mundo, que são os Estados Unidos, e nos principais centros de consumo europeu, sobretudo na Alemanha.

A explicação é óbvia, conhecida de todos nós. A produção brasileira se caracteriza pela quantidade e não pela qualidade. Produzimos muito, cerca de 50 por cento da produção global, mas produzimos mal. O Brasil é produtor dominante e, com a incorporação do Paraná, a área de maior dinamismo na produção.

Observa-se no país o grave fenômeno de disparidade de há muito pronunciada entre sua oferta global e a procura internacional de seus cafés. A oferta se expande em ritmo muito acelerado em contraste com uma procura que se mantém no máximo em níveis de relativa estabilidade. Daí passar o Brasil a sofrer o terrível impacto de desequilíbrio no comércio do café provocado pela retenção compulsória de uma massa crescente do produto que se confunde na realidade com o próprio volume total do "carry-over" mundial.

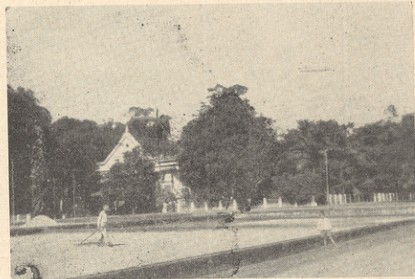
IMPORTAÇÃO MUNDIAL

Décadas	Prod. Exportável (brasileira)	Exportação Brasileira	Consumo Mundial	% da Exportação Brasileira em relação ao Consumo Mundial
1900 a 1909	122,2 (*)	122,9	157,4	78,71%
1910 a 1919	125,6	122,8	178,6	74,35%
1920 a 1929	172,7	141,1	222,333	62,18%
1930 a 1939	227,6	149,9	274,0	54,71%
1940 a 1949	140,8	135,5	242,3	56,92%
1950 a 1959	201,0	148,9	335,5	44,38%

(*) Em milhões de sacas

Embora nos principais mercados consumidores, inclusive nos Estados Unidos, a procura do café seja relativamente inelástica, é sabido que pode haver uma "elasticidade de substituição" e ela funciona ativamente, principalmente na conjuntura de superprodução em que a tendência nos preços é para depressão, em detrimento do produtor de cafés baixos.

A posição do Brasil no mercado norte-americano, mercado que consome



Terrão de café da Fazenda «Santa Gertrudes», em Rio Claro, de Sr. Conde Guilherme Prates.

Os dados numéricos que se seguem dão-nos ideia da posição desfavorável do café brasileiro em relação à sua participação nos acréscimos de procura verificada no mercado internacional, repercussão essa que agrava cada vez mais o desajustamento de sua economia.

A "AVISCO" prepara suas rações para aves tendo em vista o seu total aproveitamento pela criação

comy with special reference to control Schemes") a perda gradual de importância do café brasileiro em benefício dos "suaves" colombianos e da América Central naquele mercado consumidor a partir da guerra de 1914. Assimila-se o seguinte no trabalho do prof. Wickizer: antes da primeira guerra mundial 70 por cento do total de café consumido nos Estados Unidos era composto de cafés de procedência brasileira, a partir de 1930 a participação do café brasileiro nos "blends" americanos cai para menos de 50 por cento, concluindo assim suas observações "o gradual crescimento de preferência norte-americana pelos cafés "milds" em detrimento dos cafés brasileiros chegou mesmo a constituir a mais impressionante experiência no mercado internacional do café durante as últimas décadas."

Efetivamente, devemos encarar a realidade daquele mercado, no qual a acentuada diferenciação qualitativa que o está caracterizando, tem particularmente aumentado a inelasticidade da procura em relação ao produto brasileiro. A medida que caem os preços do café no varejo, sem que haja redução no poder aquisitivo do consumidor norte-americano, maior será por certo a tendência para a aquisição dos chamados cafés "suaves", o que nos obriga, como medida desesperadora de defesa, a alargar os diferenciais dos preços para atrair sobre a nossa produção o interesse daquele consumidor. Os dados seguintes, relativos à entrada do café brasileiro nos Estados Unidos, assinalam que a partir de 1938 (ano que marca ritmo mais acelerado de crescimento da procura) houve quebra contínua da nossa participação relativa nas importações norte-americanas. Pode-se concluir que o café do Brasil é, na realidade, de procura complementar à dos produtores dos "suaves", o qual efetivamente se beneficiam do programa de propaganda germânica do café desenvolvido pelo Bureau Panamericano do Café naquele grande país consumidor.